

Expectativas do Mercado

O Fundo Monetário Internacional (FMI) fez pequenas reduções nas suas projeções de crescimento para a economia global em 2014 e 2015, destacando que a recuperação ainda é tímida. Entre os países desenvolvidos, a expectativa é que a expansão ganhe força, mas é mais lenta na zona do euro e no Japão e, em geral, mais rápida nos EUA. Entre os principais mercados emergentes, o crescimento deve continuar intenso na Ásia, com uma modesta desaceleração na China e uma retomada na Índia, mas se mantendo contido no Brasil e na Rússia. O fundo aponta alguns riscos à recuperação global, entre eles o aumento das tensões geopolíticas, com repercussões sobre o mercado de *commodities*.

O departamento do trabalho americano informou que os Estados Unidos geraram 248 mil postos de trabalho em setembro, acima da previsão dos analistas, de 215 mil postos. A taxa de desemprego caiu para 5,9% no período, em comparação com os 6,1% registrados em agosto. O déficit comercial dos EUA, por sua vez, registrou nova queda, situando-se em 40,1 bilhões no mesmo mês.

O crescimento da produção industrial na zona do euro sofreu nova desaceleração em setembro. O índice dos gerentes de compras (PMI) da Markit ficou em 50,3 no mês passado, o menor número desde julho de 2013, e abaixo do registrado em agosto, quando atingiu 50,7. A redução se deu, em parte, pelo desempenho da Alemanha, que recuou para 49,9, patamar mais baixo dos últimos 15 meses.

Na China, o PMI (HSBC/Markit) do setor industrial registrou 50,2 pontos em setembro, mantendo-se inalterado em relação a agosto, mostrando que o crescimento econômico pode ter se estabilizado, mas em nível modesto. O subíndice que mede as novas encomendas de exportação chegou à máxima de quatro anos e meio de 54,5, embora a demanda doméstica pareça fraca.

Em agosto, a produção industrial brasileira apresentou crescimento de 0,7% sobre o mês anterior, quando também cresceu 0,7%. Porém, no comparativo com o mesmo mês de 2013, houve queda de 5,4%. Em 2014, a produção industrial acumula retração de 3,1%. A inflação, medida pelo IPCA-15, registra alta de 6,62% nos últimos 12 meses, encerrados em setembro, ultrapassando o teto da meta.

A expectativa dos analistas do mercado financeiro (Boletim Focus, de 6 de outubro de 2014) para o crescimento do produto interno bruto (PIB) brasileiro em 2014 vem se reduzindo a cada semana e já é de 0,24%, devendo esse indicador aumentar gradativamente nos anos seguintes. A inflação (IPCA) deve encerrar 2014 com alta de 6,32%, desacelerando nos próximos períodos, enquanto a taxa básica de juros (Selic) deve fechar o ano em 11,0% ao ano, voltando a se elevar em 2015. A taxa de câmbio, por sua vez, deve continuar se desvalorizando, passando de R\$ 2,40 por US\$ (2014) para R\$ 2,65 por US\$, em 2017, e R\$ 2,69 por US\$, em 2018.

Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2014	2015	2016	2017	2018
PIB	% a.a. no ano	0,24	1,00	2,31	3,00	3,00
IPCA	% a.a. no ano	6,32	6,30	5,50	5,50	5,05
Taxa Selic	% a.a. em dez.	11,00	11,88	10,88	10,00	10,00
Taxa de Câmbio	R\$/US\$ em dez.	2,40	2,50	2,58	2,65	2,69

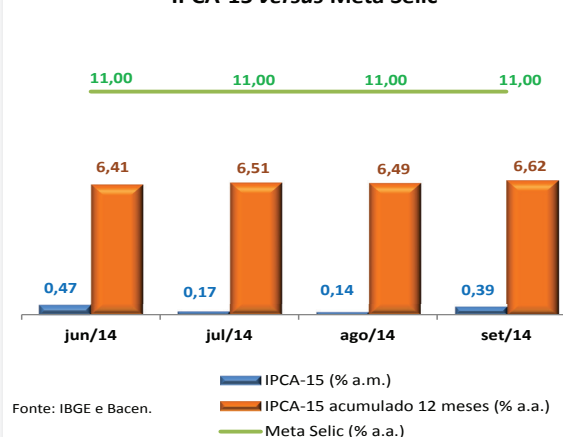
Fonte: Banco Central do Brasil e Boletim Focus. Consultado em: 6 out.2014.

Confira os últimos estudos/pesquisas da Unidade de Gestão Estratégica (UGE):

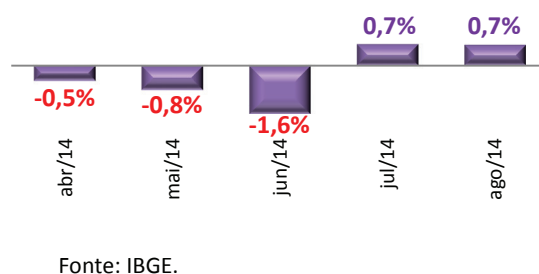
- Os donos de negócios no Brasil: análise por sexo;
- Empresários, potenciais empresários e produtores rurais no Brasil (2002-2012);
- Empresários da indústria, construção e serviços no Brasil (2002-2012).

Acesse esses e outros estudos/pesquisas pela [intranet](#).

IPCA-15 versus Meta Selic



Produção física industrial
(mês contra mês anterior)



Notícias Setoriais

COMÉRCIO VAREJISTA

O comércio varejista registrou redução de 1,1% no volume de vendas e de 0,7% na receita nominal em julho sobre o mês anterior, com ajuste sazonal. Em relação a julho de 2013, o volume de vendas teve redução de 0,9%, contudo, a receita nominal aumentou 5,9%. No ano, o setor acumula alta de 3,5% no volume de vendas e de 9,8% na receita nominal, destacando-se a atividade de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e perfumaria, e outros artigos de uso pessoal e doméstico, com aumentos respectivos de 9,5% e 9,0%. Por outro lado, as atividades de *Livros, jornais, revistas e papelaria e de equipamento e material para escritório, informática e comunicação* exerceram o maior impacto negativo na formação da taxa do varejo, acumulando, no ano, decréscimos de 6,5% e 3,8% no volume de vendas. Embora o crescimento da receita nominal do comércio varejista tenha se desacelerado, deve fechar 2014 com alta expressiva sobre 2013.

TÊXTEL E VESTUÁRIO

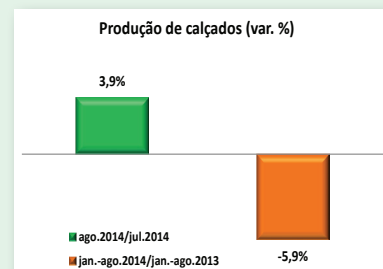


Fonte: IBGE

A produção da indústria têxtil registrou recuo de 0,1% em agosto sobre o mês anterior, acumulando retração de 6,6% no ano, quando comparada à de igual período de 2013. Já a produção de vestuário e acessórios registrou ligeiro aumento de 0,4%, no comparativo de agosto sobre julho, embora acumule queda de 2,9% em 2014. A balança comercial deste último setor registrou *deficit* de US\$ 1,85 bilhão em 2014, com as exportações tendo experimentado retração de 2,36%, e as importações, alta de 5,55% frente ao mesmo período de 2013. Diante do cenário de elevada concorrência, em especial com produtos importados, é de fundamental importância que os empresários priorizem investimentos em inovação, pois, assim, poderão reduzir custos e otimizar processos, oferecendo ao consumidor produtos diferenciados e mais baratos.

CALÇADOS

Em agosto, a produção brasileira de calçados e artigos de couro manteve o crescimento, aumentando 3,9% sobre julho. Entretanto, o acumulado do ano apresenta queda de 5,9% frente ao mesmo período de 2013. Já a balança comercial do setor computou *superavit* de US\$ 338,3 milhões, de janeiro a setembro, com o Rio Grande do Sul liderando as exportações em valor (35,9% do total), e o Ceará em quantidade de pares (42,9% do total). Os EUA permaneceram como principal destino das exportações em valor (17,8% do total). O Vietnã continua como principal fornecedor de calçados para o Brasil, respondendo por 53% do total importado (em US\$), seguido pela Indonésia (18,6% do total) e China (10,9%). Para melhor enfrentar essa concorrência e tornarem-se mais competitivas, as empresas brasileiras têm que priorizar investimentos em inovação.



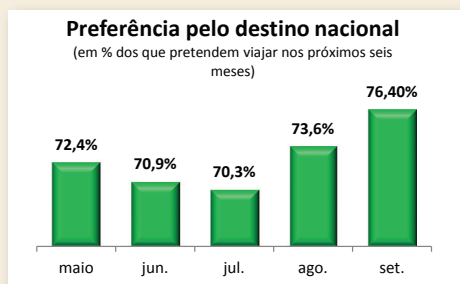
Fonte: IBGE

MÓVEIS

A produção de móveis no país registrou aumento de 1,2% em agosto ante o mês anterior, porém acumula retração de 8,9% no ano, em relação ao mesmo período de 2013. A balança comercial do setor, por sua vez, registrou *deficit* de US\$ 124 milhões no acumulado de 2014, com as exportações acumulando queda de 3,96%, e as importações, alta de 2,8%, comparativamente ao mesmo intervalo de 2013. Com vistas a beneficiar as empresas do setor, o governo manteve a redução do IPI sobre móveis até o final de 2014.

TURISMO

Segundo a Sondagem do Consumidor – intenção de viagem, do MTur, em setembro/2014, 31,6% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (em setembro/2013, o índice era de 32,1%). A maioria desses (76,4%) ainda tem como preferência os destinos turísticos nacionais, o que pode ser explicado pela frequente valorização do dólar frente ao real. Dos brasileiros que pretendem viajar, 49,1% utilizarão hotéis e pousadas e 42,3% ficarão em casas de parentes/amigos. A região Nordeste continua sendo a preferida por 42,2% dos turistas brasileiros, seguida pela região Sudeste (27,1%). O avião é o meio de transporte que deve ser utilizado por 58,3% dos turistas nacionais.



Fonte: MTur e FGV

Artigo do mês

Dênis Pedro Nunes

Economista, mestre pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e analista da Unidade de Gestão Estratégica (UGE) do Sebrae Nacional.

Estudo revela aumento da participação das MPE na economia

O estudo da participação das MPE na economia, amplamente divulgado nas principais mídias do país, em julho de 2014, foi desenvolvido com a preocupação de ser uma referência inquestionável em termos de rigor técnico/metodológico. Nesse sentido, utilizou tabulações especiais de conjunto de variáveis obedecendo às metodologias oficiais adotadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nas estimativas das contas nacionais.

A variável mais importante para o objeto do estudo é o valor adicionado, que mede a contribuição das atividades econômicas na formação do produto interno bruto (PIB). Esse valor adicionado deriva da fórmula básica tradicionalmente expressa nos livros de economia, que corresponde ao valor da produção subtraída do consumo intermediário. O estudo, no entanto, teve o cuidado de seguir metodologias específicas para cada setor. No comércio, por exemplo, o valor da produção (margem) é representado pela diferença entre o valor das vendas e o valor das compras de mercadorias, mais a variação de estoques. Para se obter o valor adicionado do comércio deve-se subtrair, da margem, as despesas de consumo intermediário ocorridas no processo de comercialização.

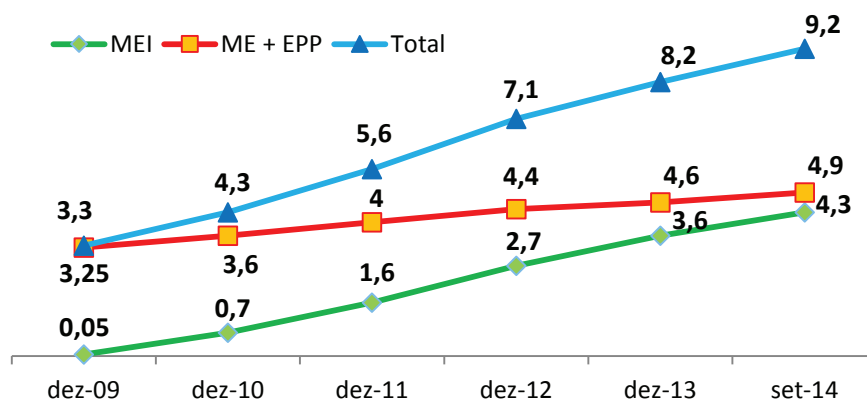
Dessa forma, chega-se aos resultados comparáveis com a primeira estimativa da participação das MPE no PIB feita pelo Sebrae em 1991 a partir do censo das microempresas, produzido pelo IBGE em 1985. A participação das MPE no PIB passou de 21% em 1985, para 23,2% em 2001, e para 27% em 2011. Observa-se que a contribuição do setor de serviços vem crescendo (5,8% em 1985, 8,3% em 2001 e 10% em 2011). A do setor de comércio foi crescente até 2009, mas depois começou a cair (5,9% em 1985; 6,8% em 2001; 9,5% em 2009; 9,2% em 2010; e 9,1% em 2011). Já a contribuição da indústria, por sua vez, reduziu-se de 1985 para 2001 (9,3% para 8,1%, respectivamente). Apesar de ter registrado aumento em 2009 (8,6%), voltou a diminuir em 2010 e 2011 (8,3% e 7,8%, respectivamente).

Considerando a média dos últimos três anos (2009 a 2011); 53,4% do valor adicionado do comércio são gerados pelas MPE. Já no setor de serviços, as MPE são responsáveis por 36,3%, e na indústria (incluindo construção civil), por 22,5% do valor adicionado.

A participação dos pequenos negócios no PIB nacional é um dos indicadores expressos no manual de indicadores e metas do Plano Plurianual (PPA) 2015-2018 que será monitorado. Esse indicador faz parte do último elo da cadeia de impacto da atuação do Sebrae, ou seja, de indicadores de pequenos negócios e de seu ambiente. Dessa forma, para termos um bom resultado neste, é fundamental avançarmos no desempenho nos elos anteriores de processo, programas e projetos, objetivos estratégicos e missão. Além disso, manter o nível de participação das MPE na economia já é um desafio frente à economia contemporânea marcada por ganhos de escala e concentração horizontal de empresas, por meio de fusões e aquisições, bastante presentes em vários segmentos atualmente.

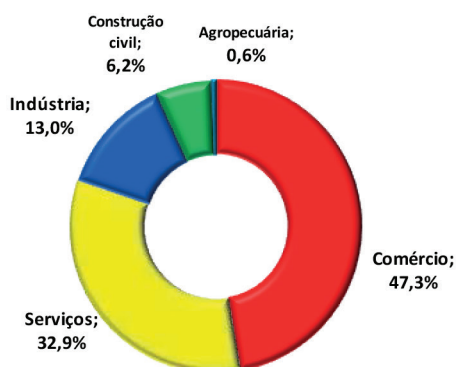
Pequenos Negócios no Brasil

Evolução dos optantes pelo Simples Nacional
(em milhões)

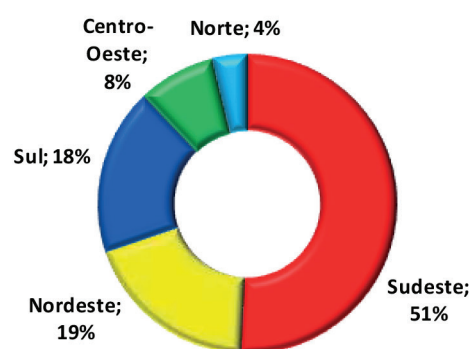


Fonte: Receita Federal

Concentração por Região



Concentração por Setor



Fonte: Secretaria da Receita Federal – julho/14

Estatísticas das MPE

Participação das MPE na economia	Referência	Participação %	Fonte
No número de empresas exportadoras	2012	59,4	Funcex
No valor das exportações	2012	0,9	Funcex
Na massa de salários das empresas	2012	39,8	Rais
No total de empregados com carteira	2012	51,7	Rais
No total de empresas privadas	2012	99	Rais

Informações sobre as MPE	Referência	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2012	4,2 milhões	Pnad
Potenciais empresários com negócio	2012	13,2 milhões	Pnad
Empregados com carteira assinada nas MPE	2012	15,1 milhões	Rais
Renda média mensal dos empregados com carteira MPE	2012	R\$ 1.334	Rais
Massa de salários paga pelas MPE	2012	R\$ 20,7 bilhões	Rais
Número de MPE exportadoras	2012	10.835	Funcex
Valor total das exportações das MPE (US\$ bilhões FOB)	2012	US\$ 2,1 bilhões	Funcex
Valor médio exportado por MPE (US\$ mil FOB)	2012	US\$ 193,9 mil	Funcex

Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.

Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.